

Mnemosyne kai Sophia

José Augusto Ramos
Nuno Simões Rodrigues (coords.)

MNEMOSYNE KAI SOPHIA

MEMÓRIA E SABEDORIA EM PERSPECTIVA BÍBLICA

JOSÉ AUGUSTO M. RAMOS

Universidade de Lisboa

Centro de História da Universidade de Lisboa

1. Regresso à sabedoria

Num contexto de ampla comparação entre múltiplos domínios culturais que este tema suscita¹, foi nossa intenção, com este texto, acolher de forma explícita o desafio de comparatismo que, no convívio com outros horizontes culturais de memória e sabedoria, se vai definindo.

No horizonte das civilizações da antiguidade em que convergimos e onde assenta a maioria das culturas que estudamos, o modelo sapiencial representa um género de literatura e cultura que se revelou mais prestável para acolher os padrões mais universais, capazes de servir como denominador comum entre todas elas. Mais concretamente, neste género de literatura define-se sobretudo a dosagem essencial de humanismo que em cada uma das respectivas culturas se desenvolve. Com isto se definem e expõem os padrões de cultura internacional que estavam em vigor na época.

Numa perspectiva mais pessoal, foi através da literatura sapiencial e nomeadamente nas formas e nos temas situados entre *Job* e os *Salmos*, que tive a oportunidade de ensaiar os primeiros passos na prática da filologia hebraica e na tradução. Nessa ligação específica me mantive fiel ao longo da minha vida de tradutor bíblico. Mas foi também na reflexão sobre algumas das grandes questões humanas das mais imediatas e prementes, como sejam as do sentido e da consistência do agir humano e das suas consequências, que se situou a minha aproximação ao espaço cultural pré-clássico. Nesse âmbito se foi aprofundando a minha relação com os seus conteúdos. Por isso sempre conservei e fui intensificando cada vez mais uma intencionalidade quase filosófica relativamente ao alcance cultural deste espaço. Desde o princípio me concentrei particularmente sobre a literatura poética oriental; e é nesta que se encontram as virtualidades mais directamente filosóficas².

Com efeito, desde sempre me intrigou e estimulou a pergunta de saber qual seria exactamente a revelação específica que o livro de *Job*, em concreto, nos

¹ Este texto foi apresentado no colóquio «Memória e sabedoria», organizado pelo Centro de Estudos Comparatistas da FLUL, em Dezembro de 2009, no qual se comparavam as mais diversas latitudes da literatura e da cultura.

² Mesmo que não pareça pertencer a este espaço, é interessante referir um dito de Camino (2001) 34, segundo o qual «os poetas são os filósofos puros da humanidade». Diz ele isto a propósito do conceito de alma na maçonaria.

poderia oferecer. Esta era uma pergunta que ocorria naturalmente, ao partir-se do pressuposto de que era um livro inspirado e que, nessa qualidade, tinha de ser visto como transmissor de algum conteúdo de revelação divina, de acordo com as categorias de leitura com que, em contexto religioso, se enfrentava qualquer texto da Bíblia. Ora, *Job* é um livro de intensos questionamentos humanos. Nem escandaliza sequer que seja isso o que ele revela. Até agora parece que o tem revelado eficazmente.

Outro aspecto interessante residia no facto de este livro sapiencial, recheado de perguntas, nem sequer se prestar a fantasias ou a utopias de difícil acesso, como eram as de enfrentar e tentar resolver problemas humanos profundos, recorrendo a fugas utópicas, como a da busca da imortalidade, seguindo várias estratégias. Pelo contrário, em *Job*, confrontava-se a busca de uma explicação com a dureza dos dados que a experiência humana vai acumulando, muitas vezes a contra gosto.

Na verdade, as questões como a busca da imortalidade, que é profundamente compreensível no horizonte humano e de que a literatura de sabedoria se ocupava com alguma frequência, poderiam parecer mais radicais, mas ficavam sempre bastante longínquas relativamente a este quotidiano. Utanapishtim, a personagem que atingiu a imortalidade na epopeia de Gilgamesh, é justamente cognominado de o 'Longínquo'³.

Com efeito, *Job* trata de algo mais imediato, mais lógico e, por isso mesmo, ainda mais profundo. A sua sabedoria questiona-se precisamente sobre a consistência e a lógica do agir humano sob o ponto de vista de um sistema lógico que presida e dê consistência ao comportamento humano sob o ponto de vista ético.

Servindo-me de uma glosa, em homenagem, a George Steiner⁴, um dos mais recentes doutorados *honoris causa* da Universidade de Lisboa, podia permitir-me considerar que estas aproximações repetidas mas fortuitas e ainda desorganizadas se reportavam a matérias que não chegaram a ser sistematizadas em tema, mas sugeriam o essencial de um título com que amiúde terei sonhado sem o ter chegado a escrever. No fundo da minha memória, ele anda, há dezenas de anos, identificado com o título de *Regresso à Sabedoria*. Este título é como um repositório, uma *guenizá* de tesouros, resguardados fora dos circuitos da publicidade. Ali se foram alojando, de modo residual e mais ou menos imaginário, muitos problemas ainda em aberto. A busca de uma definição mais acurada das fronteiras entre saberes poderia ser um dos principais. O terreno da sabedoria pode, com efeito, constituir um amplo, variado e rico espaço, por onde fronteiras múltiplas entre saberes de definição complexa podem passar de forma pertinente.

³ Tournay, Shaffer (1994) 208 (X, 4, 6-13).

⁴ Steiner (2008).

Faz sentido colher, por conseguinte, algumas linhas de pertinência sobre memória e sabedoria que nas páginas da Bíblia se nos oferecem. É disso que trataremos em apontamentos que pretendemos se mantenham discretamente essenciais e leves.

2. Duas matrizes culturais

Os estudiosos sempre se aperceberam de maneira mais ou menos clarividente que a Bíblia apresentava duas modalidades específicas de literatura. Estas modalidades de literatura e pensamento representam duas matrizes culturais de onde fluem formas e géneros que se espriam pelos mais variados domínios. Escrita sobretudo em prosa, havia uma literatura de carácter mais histórico. Por outro lado, maioritariamente em poesia, era uma literatura que cedo foi sendo rotulada de sapiencial, por serem tão relevantes nesse conjunto os temas relacionados com a sabedoria.

Mais significativo e mais natural ainda seria considerar que o essencial do tema da memória que agora nos ocupa se poderia encontrar mais do lado da história. Era, com efeito, nesse âmbito que se encontravam narrados os acontecimentos do património memorial e se expandia a galeria de figuras insígnies. Eram estas que constituíam evidentemente o recheio da memória.

A perspectiva e os tons da sabedoria haveriam de pertencer naturalmente ao bloco dos livros sapienciais; estes haveriam de trazer certamente marcas menos bem identificadas e diferenciadas do ponto de vista nacional. A memória histórica era mais nacional, enquanto a sensibilidade aos temas humanísticos e sapienciais seria mais internacionalizada.

Este efeito de diferença avoluma-se, pelo facto de sempre terem sido notadas marcas de estilo e de pensamento que distanciam estes dois géneros. Autores reconhecidos têm identificado alguma tensão de perspectivas entre uma teologia bíblica com base na história do povo e uma outra com base na literatura sapiencial.

Situada eventualmente entre ambas, uma boa parte da literatura conotada com os profetas poderia suscitar alguma hesitação quanto à definição das suas principais solidariedades com um ou com outro destes dois géneros.

A primeira das teologias assenta na ideia de aliança, conceito preferencialmente nacionalista, e tem como ponto de referência a saída do Egipto; é o tema simbólico e doutrinal do êxodo e as suas sequelas. Instaura-se nesta base uma história da salvação e da eleição do povo hebraico, a qual, mesmo reconhecendo as dialécticas pertinentes, anda sempre mais próxima de sentimentos e de fórmulas conotadas com o etnocentrismo.

A segunda funda-se simbolicamente na criação e está em sintonia com a grande mitologia oriental comum, que pode constituir um aglomerado de sabedorias essencialmente conotado com as visões antropológicas de

convergência profunda que pode englobar mais do que o espaço cultural do mundo pré-clássico⁵. Assenta aqui uma teologia de base antropológica e tem acesso à visão universal que a antropologia e estas mitologias orientais particularmente sugerem⁶.

Nesta perspectiva, será que a fronteira entre memória e sabedoria deveria ser considerada como uma fronteira de convergência ou de divergência? É um facto que ambas as correntes se mantêm e são reconhecidas como elemento de identidade para a consciência hebraica. Mas é inegável que se adivinha entre ambas as mentalidades pressupostas um estado de tensão dialéctica, pelo menos. Fica-nos a sensação confortável e útil de que o espaço cultural hebraico pôde dispor, ao longo da história, de duas plataformas alternativas, complementares e mais ou menos solidárias, consoante o sabor dos momentos.

3. Condições de produtividade tardia

Com base nestas duas matrizes culturais, os dois modelos de pensamento e de escrita, cuja história vimos acompanhando, mantiveram-se produtivos, durante séculos da história dos hebreus.

A sabedoria era um modelo de pensamento muito antigo, apesar de a sua dimensão de síntese sugerir a ideia de uma maior elaboração. Este género encontra-se muito bem enraizado na cultura internacional que alimentava as sociedades do antigo Oriente. Os dados literários e a sua cronologia demonstram-no desde as épocas mais remotas, tanto na Suméria como no Egipto⁷.

Formas literárias mais ou menos afectas ao pensamento mítico podem ter sido uma das mais antigas expressões desta preocupação com a sabedoria. O mito funda a sabedoria, tanto na forma como no tempo. Custa-nos evidentemente imaginar os contornos do tempo e do contexto político-social necessários para que o homem proto-histórico pudesse proceder a um trabalho tão sofisticado como o de criar as formas míticas e sapienciais. Mas teremos forçosamente de postular um *Sitz im Leben* cultural adequado e capaz de suscitar e suportar uma tal produtividade.

⁵ Continua a parecer-nos muito sugestiva a proposta do P. Manuel Antunes quando assentou em fórmula de enciclopédia cultural que os conteúdos míticos do mundo clássico se integram num mesmo fundo comum com os do mundo oriental pré-clássico («Mitologia» 77-78).

⁶ F. Gonçalves tem abordado frequentemente alguns temas ligados a esta fronteira. Veja-se, a título de exemplo, «Fundamentos da mensagem moral dos profetas bíblicos», 114ss. O facto de ter ouvido algumas das suas preleções e lido alguns dos seus textos contribuiu para uma mais explícita definição de matizes nos percursos que foram chegando até este texto.

⁷ Uma imagem bibliográfica sobre a sabedoria internacional no antigo Oriente pode ver-se em Gammie, Perdue (1990); ou também o volume da ACFEB (1995); e o mais recente Morla Asensio (1994) 65-106.

Entretanto, as modalidades da sabedoria, enraizadas na memória, na inteligência e na variiegada profundidade dos sentimentos e emoções, oferecem igualmente um panorama de perenidade tão natural que se pode concluir que nenhum outro tipo de pensamento ou de produção literária se pudesse prosseguir com maior naturalidade.

Que se tenha, por conseguinte, mantido uma produtividade significativa nos domínios da sabedoria em época tardia é coisa que não nos parece de nenhum modo estranha. E apesar das dificuldades que caracterizam politicamente a fase final da história do povo bíblico, ela não representa propriamente uma fase de recessão cultural.

Aparentemente, o contexto político e cultural da época helenística trouxe mesmo razões específicas para valorizar mais a teologia de base antropológica e sapiencial. Com efeito, novos contextos e outros pressupostos culturais ajudaram ao reaparecimento de textos sapienciais. Ao rico património e aos estímulos da tradição oriental sobre estas matérias juntaram-se, na época helenística, novas motivações, que estimularam a prosseguir e levaram a aprofundar as funções e o efeito cultural do estudo da sabedoria. A influência proveniente da cultura grega era de molde a suscitar novidades neste domínio. E nem sequer é preciso postular novos géneros literários de sabedoria propriamente ditos. Bastava dar acolhimento aos novos parâmetros de humanismo e de cultura e outros modelos de retórica que sem esforço se podiam apreender para que muitos aspectos inovadores se pudessem esperar. E foi assim que aconteceu, de facto⁸.

Desta época são de mencionar especialmente livros como o *Eclesiastes*, também conhecido pelo seu nome hebraico de *Qohelet*, a *Sabedoria de Salomão* e o *Eclesiástico* ou livro de *Ben Sira*. O celeberrimo livro do *Eclesiastes* poderia ser do início da era politicamente helenista, pouco posterior às conquistas de Alexandre Magno, por conseguinte, e poderia mesmo ser interpretado como estando bem enquadrado no clima de optimismo que terá envolvido o primeiro encontro do judaísmo com o helenismo⁹, apesar de isso parecer estranho à generalidade dos comentadores, mais inclinados para nele verem a expressão incontornável de algum relativismo e pessimismo de vida. As suas declarações de entrada, dizendo que tudo é uma absoluta ilusão¹⁰ quase não precisariam de mais argumentos.

⁸ Sobre a produção sapiencial hebraica na época do helenismo pode ver-se, em síntese, Doré (2005) 3-11.

⁹ Cf. Bonora (1994) 28-32. Ver também Doré (2004).

¹⁰ A semântica da tradução de «tudo é vaidade» fixada em português a partir do latim da Vulgata foi-se encaminhando para um sentido que obnubila a semântica primitiva do hebraico. Foi essa que procurámos garantir na tradução da *Bíblia Sagrada - Tradução Interconfessional*, em *Ecl* 1,2, opção que foi, entretanto, seguida na *Bíblia Sagrada*, da Difusora Bíblica. De forma literariamente diferenciada, a *Bíblia Pastoral*, Lisboa, 1993, oferece uma também pertinente interpretação ao traduzir: «ó suprema fugacidade...! Tudo é fugaz!».

Entretanto, o livro da *Sabedoria* e o do *Eclesiástico* ou de *Ben Sira* representam modelos tradicionais de sabedoria hebraica, que procuram tratar as questões prementes da antropologia religiosa e cultural dos dois últimos séculos, que antecedem a era cristã. O modelo literário e cultural que se reproduz nestes livros sapienciais continua a corresponder ao que a tradição oriental cultivara milenarmente. A nova sintonia com o mundo helenístico pode ser, em alguns sentidos, um acréscimo cultural e humanístico, tendo em conta novas ressonâncias, mas não é uma inovação histórica. Não era o mundo oriental anterior menos sapiencial do que o era o mundo helenístico, com o qual nesta altura se encontra¹¹.

Entretanto, outros produtos, diferentes mas eivados da influência e dos temas sapienciais, vão marcando a vida cultural dos séculos seguintes, tanto entre judeus como entre cristãos. É o caso do género apocalíptico, o qual se entronca profundamente nas visões do grande fundo mítico oriental, mas que abraça igualmente os horizontes da literatura histórica e profética¹². Uma rápida verificação aos modelos literários e aos blocos temáticos do *Apocalipse*, o último livro da Bíblia, deixam clara a ideia de que os velhos temas da mitologia sapiencial, bem como a sua aplicação secular à leitura da história humana, foram objecto de um profundo estudo e de utilização particularmente talentosa¹³.

4. A ascensão da sabedoria

A sabedoria tem um lugar proeminente entre as palavras-chave com as quais se vai processando a nova síntese, para uma diferente compreensão de Deus, a cristã, de cariz pós-monoteísta: *sophia*, *logos*, *dikaiosyne*, *aletheia* são conceitos abstractos, mas de ressonância intensa e bem concreta, que articulam e estimulam o processo de definição semântica, naquela época.

Pelo conteúdo histórico com que era definida, a *sabedoria* podia bem representar a síntese entre as outras duas, a *justiça* e a *verdade*. Por isso, este passa a ser um título bem destacado na cristologia, continuando, mesmo assim, ainda como reserva simbólica para o domínio de semânticas restantes que é a pneumatologia, isto é, o discurso teológico relativo ao Espírito Santo. Cristo

¹¹ Cf. Morla Asensio (1994) 283-284.

¹² Filho da profecia e dela servidor, o modo apocalíptico de pensar e de comunicar, cultiva intensas formas de solidariedade com a história. A apocalíptica é, no fundo e talvez no essencial, grande herdeira da mitologia fundamental e, com ela, herdeira do património sapiencial. É da mitologia sapiencial que a apocalíptica herda o grande mito da história, que talvez acabe por se tornar o seu legado principal. Apesar da ironia que as suas leituras insistentes de fim do mundo podem provocar. Cf. ACFEB (1977).

¹³ É particularmente importante o estudo de géneros no *Apocalipse*. Pode ver-se, entre muitos possíveis, Charlier (1991); Viviès (2002); Asurmendi (2000) 528-530.

e o Espírito Santo têm em comum, na nova especulação sobre Deus, o serem considerados como entidades de procedência trinitária, partilhando atributos como o da sabedoria. Por isso, Jesus, quando se refere, ao papel futuro do Espírito Santo, o designa como um «outro ad-vogado»¹⁴. Este advogado é o Espírito Santo¹⁵, mas Jesus também é «ad-vogado nosso»¹⁶ e partilha com o Espírito a ligação com a verdade¹⁷.

Isto permitiu ao discurso religioso da época não somente revalorizar o património mitológico oriental, de onde procede o fundo sapiencial e a sua antropologia, mas também encontrar de novo, com maior ou menor consciência do que vai acontecendo, mas reencontrar realmente o fundo mitológico irmão que configura culturalmente mundo helénico. Esta síntese tinha capacidade de convergência com o discurso apocalíptico e messiânico, o qual já é evidente que perfilhava a perspectiva mitológica, mas que se assumia também como representante da teologia histórica dos hebreus, tomando para seu combate a afirmação dos seus desígnios nacionais.

Entretanto, a nova hermenêutica praticada por Paulo, por exemplo, tem conotações de recuperação profunda, por obrigação de fidelidade e não por atitude de fuga¹⁸. Reencontrar o humano profundo e universal transformou-se numa meta incontornável para Paulo. E esse era um dado nuclear da teologia sapiencial que fazia igualmente parte do seu património bíblico. A sua iniciativa e programa de apostolado não era uma traição, como Paulo poderia certamente sublinhar. Também não era sequer uma nova atitude de circunstância.

O que acontece com a aventura espiritual de Paulo pode ser uma parábola da própria história humana enquanto acontecimento que perpassa e ressoa no interior da consciência. A história, na sua realidade íntima e vivencial, é um processo hermenêutico, um percurso resistente e persistente, em que se nos vai oferecendo a realidade, enquanto, a mesma consciência humana procura no que acontece um sabor de ratificação e de sentido. Assim se confirma também a pertinência de tão profundo investimento no próprio processo hermenêutico. Mas será que ele se confirma como uma continuidade ou como uma criação? Se fossem ambas, maior seria o conforto, um ganho em toda a linha.

¹⁴ *Jô* 14, 26.

¹⁵ *Jô* 14, 26.

¹⁶ *1Jô* 2, 1.

¹⁷ *Jô* 15, 26.

¹⁸ Sobre este tema aqui levemente aludido tratámos desta questão mais directamente em Ramos (2011), em colóquio realizado em Coimbra e publicado nas respectivas actas. E mais uma vez em «Paulo de Tarso: a conversão como acto hermenêutico», no colóquio sobre «Paulo de Tarso, grego e romano, judeu e cristão», em Novembro de 2009 publicado em Ramos (2012).

5. As virtualidades da memória

Não encontramos na literatura bíblica nem nos seus desenvolvimentos teológicos nada que mostre algum aprofundamento teórico hipostatizante para a memória, à semelhança daquilo que verificamos que aconteceu com o conceito abstracto de sabedoria. Esta apresenta-se no livro dos *Provérbios*¹⁹ e no livro da *Sabedoria*²⁰ e no livro de *Ben Sira*²¹, com características de uma abstractização hipostática, densa e concreta, na função de uma figura simbólica que concentra algumas das ressonâncias características de uma divindade²². Não fosse o contexto tendencialmente monoteísta preponderante no judaísmo daqueles séculos, e poderia ter acontecido com a Sabedoria, entre os hebreus, aquilo que aconteceu na cultura do Egipto com a deusa Ma'at. Com efeito, esta deriva do aprofundamento e sublimação, chegando à abstractização simbólica formulada pelo conceito de Verdade²³.

Esta tendência para não se objectivar como concretização de uma ideia pode significar que a memória se mantém no domínio das suas funções mnemónicas, fugindo a condensar-se e autonomizar-se como uma entidade conceptual e simbólica. Refere-se a memória como um recurso para recordar e reviver acontecimentos e actualizar figuras, mas não se contempla a própria memória como uma entidade dotada daqueles atractivos que levam a procurar a sabedoria de forma intensa e afectuosa.

Isto pode representar uma certa incapacidade da memória para se afirmar com transcendência, a sua incapacidade para definir por si mesma um domínio de significado específico. Ou ela é excessivamente marcada pela sua realidade de acto humano e carece de capacidade para semânticas que a possam potenciar como dimensão transcendente.

É significativo que o tema da memória na literatura sobre a Bíblia não conheça um tratamento tão explícito. Tal entrada falta frequentemente em tratados e dicionários. Com efeito, os sentidos pertinentes da memória não são formulados em forma de matéria objectiva, como acontece com a sabedoria. Sobre a memória é principalmente tratada a dimensão subjectiva, quer o sujeito do lembrar seja Deus, o homem ou, em concentração semântica muito específica, seja o indivíduo ou a comunidade em oração e em acção ritual²⁴. A memória, no horizonte bíblico, incide por conseguinte, sobre a vivência dos

¹⁹ *Pr* 8, 22-36; 9, 1-18.

²⁰ *Sb* 7, 22-8, 21.

²¹ *Sir* 24.

²² *Pr* 9, 1-18. Cf. *Sir* 24, 19-34; *Mt* 26, 26-28.

²³ Cf. Assmann (1990) 273-281.

²⁴ Apraz-nos assinalar como um belo exemplo deste tratamento particularmente lúcido relativamente à perspectiva do sujeito na memória o artigo de Davies (1962) 344-346. O mesmo se verifica na síntese de grande apuro semântico apresentada por Schottroff (1971) 507-518.

conteúdos, sejam eles de carácter sintético e abstracto como a sabedoria, sejam históricos e concretos, como acontecimentos e figuras. É o espaço marcado pela actuação subjectiva do tempo e dos seus conteúdos mais significativos.

Estas características de menor prestação em matéria de transcendência podem bem representar a condição e sobretudo a pertinência profundamente imanente da memória. Em suma, ela faz parte do processamento vivo da nossa mente; pertence à nossa estrutura; é a nossa vida e os seus conteúdos que assim são assumidos de forma interactiva e segundo a dinâmica de um processo, em que se vão gerindo os conteúdos e os relacionamentos da consciência. Estes são, desta maneira, objecto de revisão, organização sistémica e hierarquização.

É por isso que as múltiplas semânticas da memória correspondem a um leque muito variado e matizado de relacionamento com o mundo e os seus conteúdos, o qual corresponde à complexa tarefa de gerir o mundo, tais como: perceber e acumular, rever, repropor, sublinhar, marginalizar, esquecer e intervir de forma apropriada²⁵.

Esta funcionalidade, activa e criadora de sentidos, define a sua prestabilidade universal: na memória aprofunda-se o sentido dos acontecimentos e injecta-se mais profundidade na história humana. Por ela fica estabelecido que todos os tempos, etapas e conteúdos da história se tornam síncronos e coetâneos, dentro de um acto consciente de memória. Este acto é um momento dotado de eternidade. A memória seria, portanto, como que o existencial do tempo²⁶, vencendo dialecticamente a sua própria temporalidade. É por esta presentificação que o passado aparece assumido como contemporâneo do presente de cada um ou de todos conjuntamente. São as virtualidades dialécticas ao alcance da memória; é a sua função de anamnese²⁷.

Entretanto, a função de sistematização e articulação realizada pela memória é actuante igualmente em direcção ao futuro. Prever, antecipar, definir e configurar o exercício memorial de anamnese por parte dos vindouros é ligar-se de imediato com os tempos e as pessoas que ainda hão-de vir, promovendo a dimensão existencial do futuro. Existe uma cumplicidade activa da parte de alguém no acto de se instituir a si mesmo como vector e como conteúdo da memória futura daqueles a quem se dirige.

²⁵ Ver Louw, Nida (1993) 346-349.

²⁶ O conceito de existencial, enquanto operativo de uma vivência, definiu-se no contexto da filosofia existencial e, apesar de se ter apagado no discurso filosófico, aparece valorizado em alguns discursos teológicos do século XX. Cf. Franz, Baum, Kreuzer (2003) 137-139; Rahner, Vorgrimler (1966) 245.

²⁷ É interessante verificar como o sentido bíblico da memória, recolhido com a fórmula grega da anamnese, se encontra tão claramente apontado no *Catecismo da Igreja Católica*, 1103s, 1354, 1362.

Quando Jesus diz aos seus discípulos na última ceia e a propósito do que ela mesma representava: «fazei isto em minha memória»²⁸, está a fazer circular a sua comunhão com os discípulos entre o futuro e o presente, por cima das barreiras do tempo. Esta é uma maneira de preanunciar e viver antecipadamente os conteúdos que a memória dos discípulos há-de vir a actuar no futuro. O movimento é simultaneamente projectivo e retroactivo; o presente de Jesus e o futuro dos discípulos apresentam-se, desta maneira, interactivamente coligados.

De modo semelhante e já anterior ao tempo de Jesus, é ritualmente paradigmática a função da memória no judaísmo, entre os acontecimentos históricos privilegiados e a concentrada consciência das realizações festivas; ela realiza a vitória sobre as distâncias e sobre o tempo. O caso maior desta funcionalidade memorial explícita é aquela que acontece no ritual pascal e se explicita com a multi-temporalidade simultânea expressa no texto da *haggadáh* de Páscoa. As fórmulas da memória configuram a própria lógica temporal do texto. Ritualmente, são os próprios agentes rituais da memória de agora que então estavam no Egipto e dali saíram de forma maravilhosa. O judaísmo acentua o lado metafísico da antropologia do tempo; a memória é a sua fórmula de actuação.

6. Chegar ao pórtico da sabedoria

Perante a indefinição e, por vezes, o desinteresse com que se nos apresentam as metas pré-definidas, resta-nos sempre continuar a caminhar, definindo mais traços de horizonte à medida que se avança na procura.

Convém, entretanto, não deixar desencaminhar os sentimentos para horizontes ensombrados a conotar mitos de Sísifo. É premente regressar à perspectiva sapiencial expressa ao longo do livro dos *Provérbios*. O próprio título hebraico de *mašal*, que significa «fazer uma comparação, contar uma história, gerir e governar», instala um modo de pensar assente sobre a liberdade e a riqueza criativa do discurso narrativo, o pensamento como espelho natural da vida e seu governo. O destino destes caminhos, intensamente sugerido, é o palácio da Senhora Sabedoria. É ela a amante perfeita e a amada desejável, a convidativa e sedutora Senhora dos Caminhos²⁹. Atingir a sua morada é a meta universal para os humanos; abraçá-la é o objectivo e a realização dos seus anseios e apetências.

Compreende-se, por isso, o pedido dirigido a Deus pelo devoto e contemplativo da sabedoria, tal como vem referido no Salmo 90,12:

²⁸ Lc 22, 19; 1Cor 11, 24-26.

²⁹ Pr 9, 1-6.

limenot yamenu ken hoda'

«Ensina-nos a contar nossos dias dignamente;

wenabi' lebab hokmah.

«e entraremos pelo pórtico da sabedoria».

Esta tradução implica identificar no segundo verso deste texto o termo *bab*, bem conservado pela língua acádica, língua semítica irmã, usada na Mesopotâmia, a qual mantém tantas afinidades com todo o restante semítico do noroeste ao qual pertence também o hebraico. Seria realmente um *hapax* na Bíblia, mas a expressão, ali onde ocorre, justifica perfeitamente a manutenção de uma expressão mais arcaica e resistente ao tempo. A sintaxe hebraica resultante desta leitura é, de qualquer modo, bem mais escorreita do que aquela que é pressuposta na leitura mais tradicional de «e entraremos para o coração da sabedoria».

É justo também e merece ser assinalado que esta foi a última sugestão filológica do Professor Mitchell Dahood, um criativo iniciador de refrescamentos filológicos que, durante dezenas de anos no Pontifício Instituto Bíblico de Roma, nos ensinou a arte de renovar a compreensão do hebraico, procedendo a contínuas leituras cruzadas com textos afins das línguas próximas do hebraico e culturalmente vizinhas do mundo da Bíblia, como são nomeadamente o ugarítico e o fenício.

Esta pérola de releitura de um valioso pormenor no texto do salmo, tinha ficado a aguardar mais leitores, em cima da mesa de trabalho do grande mestre, no dia em que um ataque fulminante o vitimou, no meio de uma oração junto de um altar de Nossa Senhora, ali perto, no centro de Roma, no ano de 1982. Os seus irmãos e colegas do Instituto Bíblico acharam significativo utilizar esta última tradução como ilustração do seu folheto funerário. O efeito é simbolicamente lapidar, o perfeito epitáfio do exegeta.

A sabedoria promove objectivos e vai ajudando a praticar os caminhos. E se ela aponta e convida insistentemente os seus possíveis amantes em direcção a uma meta que é o pórtico de entrada para o seu palácio, ela continua a resguardar ciosamente o mistério interior das suas moradas. E talvez por aqui possam andar implicados alguns caminhos de sedução. Quem sabe? Criatividade e evolução integram necessariamente ingredientes dessa qualidade.

7. Em suma

Convocavam-se para o título deste colóquio os conceitos de memória e sabedoria. Esta aproximação há-de, no entanto, ter sugerido múltiplas e variadas formas de convergência entre ambas as noções, através das diversas situações

históricas que foram consideradas pelo variado número de comunicações apresentadas³⁰. Pela perspectiva bíblica aqui analisada, memória e sabedoria representam dois vectores com definições de recorte diferente.

A memória é acontecimento, história, personagens e figuras, identidade individualizada e partilhada. No acto de consciência presente, a memória realiza tudo o que é memorável no passado histórico, com uma pertinência tal que ali mesmo se presente o gosto dos caminhos de futuro.

A sabedoria é mitologia, antropologia, poesia, distância convidativa e profundidade envolvente, numa síntese cultural humanística e universal. No acto de consciência cultural, a sabedoria presentifica a profundidade e a amplidão do espaço humano, contemplando o universo. A sabedoria pode mesmo representar a síntese onde os dados aparentemente mais episódicos de figuras da memória conseguem um acréscimo de densidade e se incrustam como imagens de sabedoria³¹.

Em ambas se concentra, se bem que numa rede de relações temporais diferentes, a dimensão de fazer convergir todos os caminhos do espaço e do tempo para o momento presente de vivência humana, no momentoso acto de eternidade dialecticamente reiterada e prosseguida que é o seu acto de consciência, momentâneo, provisório e eterno. Assim identificando e definindo o presente como síntese e como anamnese.

³⁰ Os textos aqui publicados pertencem apenas ao grupo dos que se reportavam às culturas da Antiguidade.

³¹ Haja em vista o tratamento sapiencial dado a múltiplas figuras da história nacional no livro da *Sabedoria*, fazendo um resumo da história hebraica com as suas principais figuras (*Sb* 10-19).

BIBLIOGRAFIA

- ACFEB, *Apocalypse et théologie de l'espérance*, Paris, Ed. du Cerf, 1977.
- ACFEB: *La sagesse biblique. De l'Ancien au Nouveau Testament*, Paris, Ed. du Cerf, 1995.
- ANTUNES, M., «Mitologia» in *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, Lisboa, Verbo, t. XX, 77-78.
- ASURMENDI, J. M., «Daniel y la apocalíptica» in A. González Lamadrid *et al.*, eds., *Historia, narrativa, apocalíptica*, Estella, Verbo Divino, 2000, 479-542.
- ASSMANN, J., *Ma'at: Gerechtigkeit und unsterblichkeit im Alten Ägypten*, München, C. H. Beck, 1990.
- Bíblia Pastoral*, Lisboa, São Paulo, 1993.
- Bíblia Sagrada – Tradução Interconfessional*, Lisboa, Sociedade Bíblica de Portugal, 1993.
- Bíblia Sagrada*, Lisboa/Fátima, Difusora Bíblica, 2001³.
- BONORA, A., *El libro de Qohelet*, Barcelona/Ciudad Nueva/Madrid, Herder, 1994.
- CAMINO, R. da, *Dicionário Maçónico*, São Paulo, Madras Editora, 2001.
- Catecismo da Igreja Católica*, Coimbra, Gráfica de Coimbra, 1993.
- CHARLIER, J.-P., *Comprendre l'Apocalypse I-II*, Paris, Ed. du Cerf, 1991.
- DAVIES, G. H., «Memorial, memory» in *The Interpreter's Dictionary of the Bible*, Abington Ps, New York, 1962, v. 3, 344-346.
- DORÉ, D., *O Livro da Sabedoria de Salomão*, Lisboa/Fátima, Difusora Bíblica, 2005.
- , *Qohélet e Ben Sira ou Eclesiastes e Eclesiástico*, Lisboa/Fátima, Difusora Bíblica, 2004.
- FRANZ, A.; BAUM, W.; KREUZER, K., eds., *Lexikon philosophischer Grundbegriffe der Theologie*, Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 2003.
- GAMMIE, J. G.; Perdue, L. G., eds., *The sage in Israel and the Ancient Near East*, Winona Lake, Eisenbrauns, 1990.
- GONÇALVES, F., «Fundamentos da mensagem moral dos profetas bíblicos», *Cadmo* 18, 2008, 9-29.

- GONÇALVES, F., «Iavé, Deus de justiça e de bênção, Deus de amor e de salvação», *Cadernos ISTA* 22, 2009, 107-152.
- LOUW, J. P.; NIDA, E., eds., *Greek-English lexicon of the New Testament, based on semantic domains*, Capetown, Bible Society, 1993.
- MORLA ASENSIO, V., *Libros sapienciales y otros escritos*, Estella, Ed. Verbo Divino, 1994.
- RAHNER, K.; VORGRIMLER, H., *Diccionario Teológico*, Barcelona, Herder, 1966.
- RAMOS, J. A., «Na margem oriental do classicismo» in J. E. Franco, H. Rico, coords., *Padre Manuel Antunes (1918-1985)*, Campo das Letras, Lisboa, 2007, 75-98.
- , «Norma e transgressão, à luz do paradigma bíblico» in C. Soares, M. C. Fialho, M. C. Alvarez Morán, R. M. Iglesias Montiel, coords., *Norma & Transgressão II*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 2011, 265-288.
- , «Paulo de Tarso: a conversão como acto hermenêutico» in J. A. Ramos, M. C. de Sousa Pimentel, M. C. Fialho, N. S. Rodrigues, *Paulo de Tarso: Grego e Romano, Judeu e Cristão*, Coimbra/Lisboa, CECHUC, CHUL, CEC, 2012, 55-68.
- SCHOTTROFF, W., «zkr gedenken» in E. Jenni, C. Westermann, eds., *Theologisches Handwörterbuch zum Alten Testament*, München, Chr. Kaiser Verlag, 1971, 507-518.
- STEINER, G., *Os livros que não escrevi*, Lisboa, Gradiva, 2008.
- TOURNAY, R. J., SHAFFER, A., *L'épopée de Gilgamesh*, Paris, Ed. Cerf, 1994.
- VIVIÈS, P. de M. de, *Apocalypses et cosmologie du salut*, Paris, Ed. du Cerf, 2002.